

JORNAL: O Jornal LOCAL: Guomabara

DATA: 29/05/1966 AUTOR: _____

TÍTULO: A Hora e a Vez das Artes Plásticas

ASSUNTO: Rogério Duarte falando sobre Opinião 66 defende Ivan Serpa, Grassman e Newton Cavalcanti

3.º Caderno

O Jornal 29 maio 1966

O JORNAL

A Hora e a Vez das Artes Plásticas

Antônio Dias

Para ele o sucesso se deve principalmente à onda de publicidade que se deu a esse setor, e porque "temos a função de remodelar tornando mais consciente, a atividade artística do Brasil. E o fenômeno não é só local, pois atinge a maior parte do mundo ocidental contemporâneo".

Acréscimo: "A única coisa que poderia caracterizar-nos como grupo seria a intenção social. Tirar a pintura da elite. Sob esse ângulo formamos um grupo. Queremos levar a pintura ao povo, se bem que, agora, ele não esteja preparado para recebê-la. Para alcançar isso é preciso que haja dois movimentos: um, do povo em direção à pintura; outro, da pintura em direção ao povo. Ensaia-mos uma maior comunicação com a massa. Tentamos simplificar a arte para que todos a compreendam. Por exemplo: se quisermos apresentar um leão, não usaremos um leão picassiano. Usaremos um leão de história em quadrinhos. Assim, a compreensão independe da cultura do observador. Todo homem terá a idéia do leão. Acreditamos que o que vale são as idéias, e isso é importante.

Se a pintura não for levada ao povo, ela perde sua função, ela morre".

E arremata: "Qualquer indivíduo que tenha idéias pode fazer arte. Agora, cumpre a ele escolher um meio instrumental apropriado".

Rubens

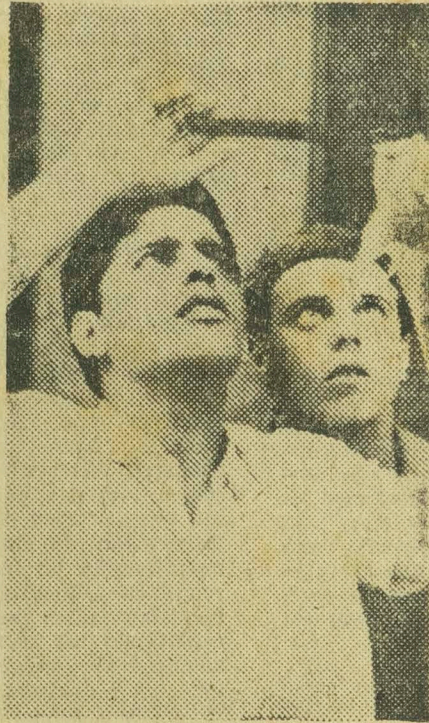
Guerchman

Para ele a "Opinião 65" e suas consequências atuais são a matéria mesma de que vive, o ar que respira. Nada de ceticismo (isso tão em moda) em Rubens: ele está engajado de corpo inteiro na corrente que representa, e tem nela uma crença total, que poderia ser considerada muito otimista se o próprio sucesso prático não estivesse demonstrando que as expectativas são mesmo fundadas:

"Acho que tudo isso que se está fazendo é da máxima importância", diz. "Não só o pessoal do movimento em si, mas principalmente as vistas que o movimento abre nas novas gerações, pois acredito que seja um estímulo muito eficaz. Você não imagina o que representa para nós ver aparecerem novos pintores, dessa geração que está saindo agora dos colégios, e ver que eles sofreram uma influência marcante de Antônio Dias, por exemplo! E' claro que a influência não-assimilada, em si, não é algo de muito bom, mas é assim que todo o mundo começa. O que é interessante é que com isso fica criado o sentido de escola, de continuidade. E ficamos satisfeitos de ver que há entre esses jovens que estão surgindo agora verdadeiros valores, com técnicas e estilos originais: Renato Landim, por exemplo, que consegue fazer coisas incríveis usando uma pistola de tinta em vez de pincel, consegue dar a seu trabalho as texturas mais variadas.

O que havia antes era a grande crise da pintura no Brasil e o problema a meu ver tinha muito com o uso exclusivo do abstrato, que havia se tornado um modismo". Agora é bom acabar de uma vez por todas com essa besteira de dizer que nós fomos influenciados pela "pop-art" norte-americana. Alguns artistas desse movimento, como Larry Rivers, Jasper Johns e Oldenburgh, tiveram individualmente importância para nós no sentido de mostrar a possibilidade de uso de novos materiais, novos temas, mas foi sempre uma influência individual e não em termos de escola. Estive em Nova York recentemente e pude ver o "pop" que se faz lá agora. Achei fraco, até decadente. Aliás o "pop" aparece aqui como coisa norte-americana, mas o que pouca gente sabe é que nasceu de fato na Inglaterra, junto com outras renovações como os Beatles. Essa onda na Inglaterra, teve importância até para a política - há quem diga que o sucesso dos Beatles influenciou a vitória do Partido Trabalhista nas eleições.

Quanto a nós, a idéia de grupo é coisa mais ou menos recente - só



Rogério Duarte: "... valores individuais indiscutíveis..."

surgiu no ano passado. Nossa formação é a mais heterogênea possível. Antônio Dias e eu fomos os primeiros a nos encontrar. Para mim foi um alívio encontrar um sujeito que pensava como eu, pois naquele tempo a nossa pesquisa era uma coisa ainda muito individual, cada um para o seu lado. Roberto Magalhães apareceu depois e logo entrosou conosco perfeitamente. Pedro Escostegui foi o último a aparecer, e nele a pintura começou de uma forma imprevista, pois ele era um médico que praticava a profissão e só pintava por uma necessidade de se expressar visualmente. Agora ele pinta como nós, e se identifica por completo com o resto dos rapazes.

O que nós queremos não é fazer uma panelinha fechada em que ninguém possa ser admitido. Ao contrário, Opinião-66 vai ser uma coisa aberta a todos os artistas plásticos que queiram entrar, e tenham, é claro, um nível de realização adequado.

Rogério Duarte

Rogério Duarte, como Flávio Império, mas ao contrário de Antônio Dias, Rubens Guerchman e Roberto Magalhães, é um artista visual que lida com as artes plásticas na sua acepção mais ampla. Seu assunto específico é a comunicação visual, e é nessa atividade que está se desenvolvendo seu trabalho atual: faz a programação visual para o consórcio MAPA-DI-FILM, que como se sabe, é a produtora que congrega todos os diretores do Cinema Novo. Rogério Duarte é certamente um dos maiores gráficos do Brasil e da América Latina, e o tamanho desse artigo não permitiria um currículo total de suas atividades. Basta dizer que foi aluno e depois sócio de Aluísio Magalhães, ajudou a fundar na Guanabara a Escola Superior de Desenho Industrial, preparou os "stands" brasileiros para o Itamarati nas exposições internacionais de Tóquio e Montreal, deu pelo Itamarati um curso especial de dois meses em Assunção, da atualmente um curso de Artes Gráficas no MAM. Sua identificação com o "grupo" é geracional e de simpatia, mas não exclui, como veremos, uma certa crítica".

Na minha opinião o pessoal do movimento de renovação da pintura - Antônio Dias, Rubens Guerchman, Roberto Magalhães, e tantos outros - possui valores individuais indiscutíveis, chefes de talento, e a meu ver são os únicos representantes de uma tendência culturalmente válida, com o amor que têm a realidade, e o empenho em colocar a arte a serviço de uma visão totalizante e humanista. Naturalmente, não são os únicos valores no Brasil - existem excelentes artistas, como Newton Cavalcanti, Ivan Serpa, Marcelo Grassman, etc., que não estão ligados ao movimento e também têm uma atuação importante.

Eu, pessoalmente já participei em 1960 de uma exposição junto com Antônio Dias, mas de lá para cá tenho desenvolvido atividades num sentido um pouco diferente da dele. Para mim há um dilema básico, no momento atual (aliás acho que esse dilema é comum a todos nós que trabalhamos em expressão visual): de um lado escolher essa atitude representada

pelo "grupo", que é uma atitude de rebeldia declarada, de agressão aberta contra o sistema, mas que é no fundo uma atitude romântica - nesse sentido de que não é eficaz, pois se vale de um meio de pouca divulgação e que só é acessível a uma minoria - e de outro a solução da imagem produzida em série, mas que é igualmente ineficaz, porque os grandes meios de divulgação e reprodução em série estão nas mãos da classe que representa o "status quo" e você acaba chegando ao povo mas não da maneira que deseja chegando ao povo com uma mensagem comercial ou coisa parecida, que não val ter nada a ver com uma posição de inconformismo.

Esse dilema tem características muito destrutivas. Que os rapazes do "grupo" tenham conseguido optar por uma atitude, mesmo que romântica, já é um crédito para eles, e dentro das limitações existentes é com certeza louvável o sentimento que têm e a arte que produzem.

Roberto

Magalhães

Para ele, o atual sucesso das artes plásticas talvez decorra da novidade de expressão que essas artes nos apresentam hoje em dia, e da sua penetração ser mais acessível à nova geração. Ela é principalmente compreendida pelos jovens que falam uma linguagem diferente da geração anterior.

E' assim que ele se vê em relação ao grupo: "Em princípio não sou preso a nenhum grupo, embora exista entre nós uma coerência filosófica que nos levou a expor juntos. A motivação que nos levou a pintar é diferente em cada caso, nossa finalidade também varia, mas encontro concordância com o grupo na maneira de me expressar plásticamente. Eu quero é mostrar a arte. A arte pela arte. Somente por meus valores estéticos. O que eu quero é resolver um problema plástico. Construo minhas obras porque sinto dessa maneira e não para facilitar a compreensão daquilo que sou, sinto ou penso".

Segundo Roberto, qualquer indivíduo pode fazer arte. E acrescenta: «Vou até fazer uma máquina de fazer arte».

Flávio Império

Achar Flávio Império é um problema - no caso particular dessa entrevista estava a caminho do aeroporto, onde iria pegar um avião para São Paulo - pois vive numa roda de atividades, que incluem nas semanas recentes a abertura de uma exposição na Galeria Goeldi, os cenários na peça "Os Inimigos" de Gorki, montada pelo Grupo Oficina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e uma quantidade de outros projetos.

Flávio Império é paulista ("do Brás"), fala rápido e bem, e é muito inteligente, respondendo com vivacidade e presteza às perguntas formuladas. E' professor de arquitetura.

«Não posso me considerar um pintor, porque a pintura é uma das minhas diversas atividades e se insere no trabalho de pesquisa teórica, dentro de um corpo bastante grande de experiências da imagem. Tenho inclusive um interesse grande em fazer cinema, porque teria assim possibilidade de me comunicar com um público mais amplo.

De qualquer forma, em matéria de comunicação visual o importante é o enfoque do problema, o que está entre as diversas atividades e não uma ou outra atividade considerada em separado. Também não acredito que exista uma diferença entre a conceitualização e a prática - ambas não se desligam de uma visão muito mais ampla que engloba tudo. A imagem deve servir como comunicação, não como fenômeno isolado a ser estudado em si. O que é preciso é interpretar a imagem no seu caráter histórico. Dentro da comunicação, o que eu procuro mostrar é a problemática do mundo contemporâneo, e da gente inscrita dentro dela. Isso parece muito vago, e seria realmente muito vago se fosse tomado em termos ideais, mas se for tomado em termos históricos fica muito concreto.